

DIÁLOGO ISSN (2238-9024)

<http://www.revistas.unilsalle.edu.br/index.php/Dialogo>

Canoas, n.33, dez. 2016

 <http://dx.doi.org/10.18316/2238-9024.16.44>

Submetido em: 09/10/2016

Aceito em: 04/12/2016

Livro acessível: o encantamento na ponta dos dedos

Fernanda Cristina Falkoski¹

Cláudia Rodrigues de Freitas²

Joseane Frassoni dos Santos³

Danielle Celi dos Santos Scholz⁴

Sheyla Werner⁵

Resumo: O presente texto analisa uma pesquisa/extensão organizada na Universidade tendo como objetivo problematizar e elaborar livros acessíveis para crianças. As ações foram desencadeadas em dois módulos e fizeram parte do processo estudantes de graduação, professores universitários e da educação básica e alunos da pós-graduação (mestrado e doutorado). Como referenciais teóricos foram utilizados Nuernberg ao tratar da percepção visual e tátil, Vigotsky ao abordar o sociointeracionismo e a linguagem, Cardeal em relação às ilustrações táteis em livros e Abramovich ao sustentar o livro como objeto de encantamento. Como metodologia de trabalho foram realizados encontros semanais para o grupo proponente e quinzenais para os extensionistas. Os encontros eram pensados em tempos que permitiam estudos teóricos assim como a produção e análise de livros com ilustrações táteis. A partir da análise do processo de pesquisa e produção de livros alguns indicativos foram reconhecidos como úteis na elaboração de um livro acessível: definir a história e escolher previamente os materiais a serem utilizados; refletir sobre a organização e distribuição das ilustrações táteis do livro; definir qual a cola adequada a partir de testagens; a escrita, ao ter delimitado um espaço fixo na diagramação das páginas do livro permite a criança, a possibilidade de buscar o texto mesmo se desprovida do recurso da visão. A história foi escrita com textos em tinta e em braille. As crianças que tiveram acesso aos livros produzidos pelo grupo demonstraram o seu encantamento em usa-los.

¹ Licenciada em Letras – Português (UNISINOS), Especialista em Neuroeducação e Educação Inclusiva (FAMEPLAN), Mestranda em Educação (UFRGS). E-mail: fernandacfalkoski@gmail.com

² Doutora em Educação (UFRGS), Professora na FACED/PPGEdu/UFRGS. E-mail: freitascrd@gmail.com

³ Licenciada em Pedagogia (UFRGS), Especialista em Educação Integral (UFRGS), Mestranda em Educação (UFRGS). E-mail: jfrassoni@hotmail.com

⁴ Bacharel em Enfermagem (UNIPAMPA), Residência em Saúde Mental Coletiva (UFRGS), Mestranda em Educação (UFRGS), Enfermeira no CAPSj Arco-Irís (Canoas). E-mail: dani.scholz@hotmail.com

⁵ Licenciada em Pedagogia (UFRGS), Especialista em Saúde Mental Coletiva (UFRGS), Mestranda em Educação (UFRGS). E-mail: sheylawerner@gmail.com

Palavras-chave: Livros Acessíveis; Literatura; Educação Especial.

Accessible book: enchantment at the fingertips

Abstract: This study analyzes a research/extension organized in the University, which aimed at discussing and elaborating accessible books for children. The actions happened in two modules and were carried by undergraduate students, university professors, basic education teachers, and graduate (masters and doctorate) students. The theoretical framework for the research are the studies of Nuernberg (on visual and tactile perception), Vigotsky (on social interactionism and language), Cardeal (on tactile illustrations in books), and Abramovich (on supporting the book as an object of enchantment). The working methodology was based on weekly meetings of the proposing group and biweekly meetings for the extension group. The meetings happened in times when the theoretical studies and the production and analyses of books with tactile illustrations were possible. From the analysis of the research and production process, some indications were recognized as useful in the preparation of an accessible book: defining the story and previously choosing the materials to be used; reflecting on the organization and distribution of the tactile illustrations in the book; defining the appropriate glue from the tests; the writing, after having delimited a fixed space in the book pages' layout would allow the child to search for the text even if devoid of vision. The story text was printed using ink and braille. The children who had access to the books produced by the group showed their enchantment in using them.

Keywords: Accessible Books; Literature; Special Education.

Prólogo

*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,
mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias
Eduardo Galeano (2012)*

Dizem que a leitura está nos olhos, mas quando não vemos, escutamos, tocamos como viver esta experiência? E se imóvel estivermos, que ainda nos reste o sentir. O livro infantil é um poderoso instrumento para a iniciação, um convite aos pequenos sussurrado pelo mundo das letras e da magia. Como organizar livros acessíveis capazes de despertar a vontade de leitura buscando outras fontes de entrada que não imagens e letras em tinta? Ler é para todo mundo?

No início da vida, a mãe - ou quem ocupar este papel, apresenta o mundo à criança. Os livros podem ser uma fonte preciosa para confirmar imagens, nomear personagens, emprestar alternativas, fomentar a capacidade de devaneio e permitir o pensar. A palavra se

forja no interior da criança neste diálogo de atenções, primeiro a oral depois a escrita. Na concepção de Abramovich

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam. (1995, p. 17)

Mas quando se pode sentir e não se pode enxergar como ficam os “olhos do imaginário?”. Primeiro a criança escuta. E quando não se pode enxergar e nem ouvir? É preciso buscar outras possibilidades de acesso a fim de permitir a criança se encantar com o livro⁶.

Ao ouvir histórias a criança aprende a prestar atenção, a participar, entrar em contato com outras linguagens ricas e poderosas para o mundo das histórias. Além do encantamento das imagens, as letras começam a fazer sentido, pois aos poucos a criança vai compreendendo que o adulto as lê. De acordo com Abramovich

ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens, de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou, encontrar um caminho para a resolução delas. (1995, p.17)

Situações entre criança e mãe/pai/irmão/professora/cuidadora mediados pelas belezas e o encanto das palavras, em ato poderoso, precisam ser propiciados para todas as crianças. A interação com histórias tem de ser possível nas diferentes circunstâncias, pois a leitura perpassa nossas vidas diariamente em incontáveis situações: imagens, letras, números, códigos, expressões, sinais, gestos. As histórias nos ensinam muito dessas leituras. É noite, é dia, é claro, é luz, é sombrio. Anoitece, posso ver a escuridão caindo no

⁶ Segundo Zilberman (2003) só no final do século XVII é que surgem os primeiros livros para crianças e desde então eles ganham cada vez mais espaço. Os primeiros autores de literatura infantil que se tem registro são Charles Perrault, do século XVII e os Irmãos Grimm, no início do século XIX, produzindo contos de fadas. Para o primeiro, a fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo já para os segundos é a ordenação de novas experiências.

horizonte. Armazenamos um registro visual do conceito de “noite”. Isso fica “claro” a partir também do imaginário proposto pelas histórias! Fica?

Livros acessíveis

*Pois minha imaginação não tem estrada.
E eu não gosto mesmo de estrada.
Gosto de desvio e de desver.
Manoel de Barros (2012)*

Cada texto possui características específicas, um jornal em sua essência apresenta notícias; um livro apresenta um conto, uma história; uma revista trará textos, informações, propagandas e desenhos. A criança vai aos poucos compreendendo o conteúdo próprio de cada suporte material e sua função através das experiências vividas. Ferreiro e Teberosky (2007) salientam baseado neste experienciar, o pequeno leitor conseguirá antecipar o tipo de informação escrita a partir do reconhecimento do suporte⁷, este fato pode auxiliar sua iniciação ao mundo da leitura.

Ao buscarmos analisar e produzir “livros acessíveis” o conceito de acessibilidade toma grande importância. De acordo com Passerino e Montardo (2007, p. 12) “o conceito de acessibilidade surge ligado a questões físicas relativas a facilidades de acesso (barreira arquitetônicas) e à reabilitação física e profissional.” Compreende-se que a acessibilidade engloba diferentes aspectos para além do acesso. Passerino e Montardo (2007) afirmam ser preciso eliminar barreiras em relação à comunicação, equipamentos e materiais, garantindo assim sua utilização também pelas pessoas com deficiência, levando em consideração suas especificidades. Ser acessível, portanto, é estar disponível e poder ser acessado, por todas as pessoas. Elaborar ou adaptar a acessibilidade dos livros, acontece quando entendemos a necessidade de todos os sujeitos de ter acesso a esse suporte textual a fim de receber o benefício propiciado pela magia dos livros.

⁷ Ao nos remetermos ao suporte textual se faz necessário compreender a importância da elaboração desse material visando o acesso para todos os sujeitos. A Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 que institui a Política Nacional do Livro apresenta no Art. 1º suas diretrizes, dentre elas destacamos: “I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro; XII - assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura”.

A acessibilidade do livro vai desde a sua organização física, como a seleção de materiais, a forma como serão dispostos em conjunto com o texto, até a produção textual elaborada com a hipnótica essência do imaginar. Também é preciso pensar a forma de apresentação do texto ao leitor, dentre as possibilidades⁸ destaca-se, principalmente, braille e português.

Atentar para utilização de materiais acessíveis é fundamental, tendo em vista que a atuação pedagógica ocorre também com alunos com deficiência visual ou surdocegueira. Ainda existe uma carência na oferta de materiais com a propriedade de potencializar diferentes sentidos, conforme a diversidade de alunos a habitar o espaço escolar. Em nosso entender, o conceito de percepção extrapola o tato aos livros, porém, para este texto vamos considerar apenas este foco.

Ao analisar os livros comercializados hoje percebemos que a maioria das produções de literatura infantil contemplam muito timidamente as necessidades das crianças com baixa visão, cegueira ou surdocegueira. Neste sentido, Nuernberg (2010) aponta aspectos importantes sobre a percepção visual e tátil destacando

que a percepção visual possui um caráter global, construindo o objeto percebido de modo sintético e simultâneo. Já a percepção tátil ativa ou *sistema háptico*, onde a pessoa toca os objetos de forma intencional, opera por meio de sequências de estímulos, integrando-os no ato da percepção. [grifo do autor] (NUERNBERG, 2010, p. 135).

Um livro, quando construído levando em conta também a percepção tátil de suas ilustrações permite que muitas outras crianças tenham acesso ao encantamento contido em suas páginas. Segundo Vigostky⁹ (2007), a importância da mediação está na possibilidade de interação da criança com o ambiente, ou no caso em análise, com o livro. O adulto, ou uma criança maior, exercem papéis fundamentais para a compreensão, seja do objeto, da forma de manuseio ou na possibilidade de aprender a acessar o livro.

Além da interação social, Vigotsky (2007, p. 7) afirma que “[...] a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio

⁸ Essas possibilidades são apresentadas mais detalhadamente ao longo do texto.

⁹ O nome de Vigotski é encontrado, na bibliografia existente, escrito de muitas formas (Vygotski, Vygotsky, Vigotskii, Vigotskji, Vigotski, Vigotsky. Optamos por usar a grafia encontrada no livro consultado: Vigotsky.

envolvido numa atividade particular”. Quando se proporcionam experiências e vivências diversas à criança, maiores serão as possibilidades desta se desenvolver.

A criança começa a imitar os modelos do adulto desde cedo, Ferreiro e Teberosky (2007) exemplificam essa imitação quando a criança pequena pega o telefone e faz de conta estar conversando com alguém. Ela pode imitar gestos feitos pela mãe ou pai, pois eles são seus referenciais do ato de falar ao telefone. Da mesma forma acontece com a leitura, quando a criança pertence a um ambiente em que os adultos leem livros ou outros materiais.

A maioria dos livros infantis possui ilustrações buscando atrair e encantar o leitor. Cardeal (2009, p. 16) explica que “a ilustração cria um novo texto, abrindo a possibilidade para uma terceira leitura, dinamizando as relações entre palavra, imagem e a imaginação do leitor”. Além disso, as ilustrações contribuem para enriquecer o contar da história, dessa forma, existe a necessidade das mesmas estarem disponíveis e serem acessadas pelas pessoas por meio do toque e não apenas visualmente.

Segundo Eichenberg (2016, p. 28) “a leitura literária pode ser vista, assim, como propulsora da imaginação”, essa imaginação proporcionada a partir da leitura de livros precisa ser incentivada. A criança desde muito pequena viaja nesse universo do imaginário que possibilita o acesso ao inusitado. Isto pode acontecer dentro ou a partir de uma história.

Muitos livros são organizados para as crianças pequenas apenas com a inserção de desenhos, ou pouca inserção de escritas. Esse fato nos permite reconhecer a importância das ilustrações nos livros. Cardeal (2009, p. 24) ressalta que as ilustrações, muitas vezes prescindem “da palavra escrita – o que não deixa de nos remeter de volta ao princípio, às pinturas rupestres, aos vasos gregos, aos sarcófagos egípcios, às tapeçarias orientais e às iluminuras medievais”. Ao entender esta prática, nos perguntamos: Como “produzir imagens” para crianças que não enxergam?

A imaginação estimulada por meio da literatura infantil possibilita diversos conhecimentos para a criança. Como organizar livros que convidem um maior número de crianças ao universo da leitura?

Através da linguagem, a criança liberta-se das impressões imediatas, podendo, assim, representar para si mesma um objeto que não tenha visto e refletir sobre ele. Ela também se torna capaz de expressar com palavras aquilo que não

coincide com a realidade vigente, criando novas combinações de objetos reais ou mesmo novas ideias a eles relacionadas. (EICHENBERG, 2016, p. 25)

Inicialmente a criança lê apenas as imagens e num segundo momento inicia a leitura global das palavras, fato que reforça a necessidade do livro possuir ilustrações táteis. Segundo Ferreiro e Teberosky (2007), no começo a criança acredita que o desenho seja uma representação da escrita, aos poucos ela vai compreender que a escrita é arbitrária e pouco a pouco esta deixa de ser etiqueta do desenho, e assim, o texto vai se tornando a forma fundamental do livro.

“Vocês gostam de histórias?” podemos perguntar a qualquer criança e sempre teremos como resposta um expressivo “sim”. Se não houver, atentamos: é preciso investigar. No entanto, pode esse “sim” ser dito de diferentes maneiras.

Primeira etapa da pesquisa: pensando/pesquisando em companhia

O presente texto tem como objetivo apresentar, analisar e reconhecer as aprendizagens acumuladas em uma pesquisa/extensão organizada em uma Faculdade de Educação envolvendo o processo de elaboração de livros de literatura infantil acessíveis a crianças. Para maior visibilidade, o texto se organiza em três momentos: apresentação da pesquisa/extensão, desde sua ideia ao seu desenrolar; reflexão sobre as concepções de livro acessível e, apresentação e análise de um dos livros produzido neste âmbito.

É importante destacar que o foco principal da ação tem seu eixo organizador na produção de livros para alunos com cegueira, baixa visão, surdocegueira e autismo. A primeira ação da pesquisa/extensão foi tomar em análise as produções acadêmicas já organizadas sobre a elaboração de livros acessíveis para alunos em processo de alfabetização na transversalidade com um público de nossa pesquisa. Após investir tempo no levantamento teórico o curso foi pensado em dois módulos realizados ao longo de 2015 e 2016.

Inicialmente, foram convidados integrantes de três grupos de pesquisa da universidade buscando a transdisciplinariedade no processo e o fazer em companhia. Professores destes núcleos, assim como alunos da graduação, mestrado e doutorado, ligados a eles, passaram também a integrar o primeiro bloco da extensão.

Entendemos que nossos processos de formação são feitos de experiências, trocas e vivências. Os encontros são necessários – virtuais, físicos, textuais e tantos outros – a fim de possibilitar movimento, construções e costuras, seja na vida, na formação ou no livro.

No primeiro momento da formação foram socializadas com o grupo as leituras prévias já organizadas sobre livros acessíveis e logo a seguir foram analisados alguns títulos feitos no Brasil e na Itália. Já neste momento, além de analisar exemplares comercializados, se tornou possível aos integrantes do grupo confeccionar alguns livros. Estes foram motivo de análise pelo coletivo tendo como parâmetro o escopo teórico avaliado, assim como, foram apontadas as produções que melhor pareciam atingir nosso objetivo.

O grupo recebeu a colaboração de uma professora do Atendimento Educacional Especializado, familiarizada com livros acessíveis, no processo de análise do material produzido. Ao longo das atividades, a professora contribuiu com sua experiência pessoal¹⁰ e como professora de alunos com cegueira, o que possibilitou discussões e desconstruções de conceitos e definições. Sua participação foi de extrema relevância, principalmente no que se refere às produções já existentes de livros acessíveis.

Segundo ela, esses materiais não estão atingindo o seu objetivo central, ou seja, ser acessível. Tomamos para análise alguns livros com ilustrações que fazem uso do pontilhado e algumas imagens em relevo. Todos usam a imagem em tinta como referência, ou seja, falham em passar uma informação precisa ao leitor sobre aquela ilustração. Ao representar um sol, por exemplo, usam um círculo com traços ligados a esta imagem em pontilhado. Para quem possui uma referência visual essa representação é efetiva, mas para quem nunca viveu a experiência de ver o desenho de um sol, pode ser apenas um círculo com riscos e não o elemento desejado.

Além disso, a professora expôs diferentes possibilidades de materiais que utiliza com seus alunos. Para além do processo organizacional, a relação desenvolvida neste sentido possibilitou o olhar da vivência do seu cotidiano como educadora e pessoa com deficiência.

¹⁰ A professora que ajudou na análise das produções, além de ser professora do Atendimento Educacional Especializado para pessoas com baixa visão e cegueira, também produz materiais e livros acessíveis. É assessora para produções de livros acessíveis e também possui cegueira.

Inicialmente, se fez necessária uma reflexão sobre o conceito de livro acessível. Como produzi-lo? Quais as características para ser acessado e compreendido por crianças que enxergam pouco ou não enxergam? Em que medida esses livros podem contribuir no processo de alfabetização, aquisição de leitura e escrita dos alunos? Este passou a ser o mote do trabalho em sua segunda etapa, ampliando a inserção de professores extensionistas.

Segunda etapa da pesquisa: a extensão como tempo de produção e análise

No segundo momento da pesquisa, o grupo foi aberto para a entrada de professores e pessoas interessadas na produção de livros acessíveis. A divulgação contou com cartazes traduzidos em braille no facebook incluímos também a descrição e audiodescrição do cartaz. Os cartazes foram distribuídos entre as faculdades que tem a docência como foco, assim como enviamos para a Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Na medida em que os candidatos acessavam o e-mail para inscrição, recebiam uma ficha solicitando o preenchimento de dados como, por exemplo, uma justificativa de interesse pelo curso e, ainda, se possuía alguma necessidade especial. Das sessenta e oito pessoas que solicitaram ingresso no curso, selecionamos 22 professoras, 2 professores (sendo um deles com baixa visão) e 2 escritoras/ilustradoras de livros infantis. Uma delas com produção impressa de livro infantil acessível a pessoas com cegueira.

Organizamos o processo em encontros de forma quinzenal para os extensionistas e semanal para o grupo inicial de pesquisadores. Os encontros semanais tinham a intenção de analisar o processo e pensar ações, intervenções e alternativas de produção. O percurso, desde a inscrição até a finalização, totalizou sete meses. Todo processo foi gratuito.

Cada encontro esteve organizado em dois momentos, o primeiro enfatizando o estudo dos seguintes aspectos: Apresentação do curso e dos participantes; O braille e materiais acessíveis; Ilustrações táteis bidimensionais em livros infantis: considerações acerca de sua construção no contexto da educação de crianças com deficiência visual; Os alunos com cegueira e com surdocegueira; Desenho universal; Comunicação Alternativa (CA); Acessibilidade para bebês e crianças pequenas; Análise de materiais produzidos tendo como foco a Cor/Raça e Apresentação das produções e Avaliação do curso.

No segundo momento o grupo se debruçava sobre as ideias e materiais na intensão de produção do livro. Algumas pessoas, ao criar, imaginavam uma criança específica para a produção do livro, outras se dedicavam mais a ideia. Os materiais utilizados em cada encontro, quando registrados em formato de Power point, foram socializados com o grupo via uma página de facebook, desenvolvida especialmente para a formação, contando com descrição das imagens utilizadas.

Observamos que inventar/elaborar ou adaptar um livro ficava mais fácil quando as professoras buscavam fazê-lo imaginando uma criança específica. Neste ponto, o grupo de encontro semanal, além de acompanhar as professoras extensionistas, ajudava na identificação de uma criança e na escolha do tema que poderia lhe interessar. As duas escritoras, no entanto, percebemos que estavam envolvidas principalmente com o texto do livro. A imagem não era central em momento inicial da produção.

Apresentamos a seguir um livro que foi confeccionado imaginando uma criança em particular e seus interesses. A partir de uma pesquisa de mestrado com alunos com surdocegueira em processo de alfabetização foi confeccionado o livro “Barco verde” (Figura 1), este pensado para uma menina que vamos chamar de Bruna¹¹. Ela é reconhecida na escola como tendo surdez e baixa visão e está matriculada no 2º ano do ensino fundamental de uma escola especial para alunos com surdez no estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1: Sétima Página do Livro “Barco Verde”



Fonte: Arquivo pessoal.

¹¹ Nome fictício utilizado no texto.

Bruna está desenvolvendo sua comunicação por meio da língua de sinais e utiliza da baixa visão para fazer seus registros, seja através de desenhos ou escrita, não fazendo nesse momento o uso do braille para leitura e escrita. A menina tem grande habilidade para traçar desenhos, apresentando-os com muitos detalhes. Tem interesse e desenha com habilidade alguns meios de transporte, dentre eles destacamos: avião, barco, carro, helicóptero e navio. A partir dos desenhos feitos por Bruna buscamos criar um livro.

A escolha do meio de transporte se deu pelo repetitivo uso da imagem, pois em vários de seus desenhos é o barco que mais aparece. O próximo passo foi criar uma história usando o barco como elemento central. O livro foi organizado seguindo alguns critérios: na página do lado esquerdo é apresentado o texto escrito em tinta e em braille e do lado direito são feitas as ilustrações táteis (Figura 2). Para cada cena da história foi escolhido um elemento de destaque a ser reproduzido de forma tátil.

Figura 2: Terceira Página do Livro “Barco Verde”



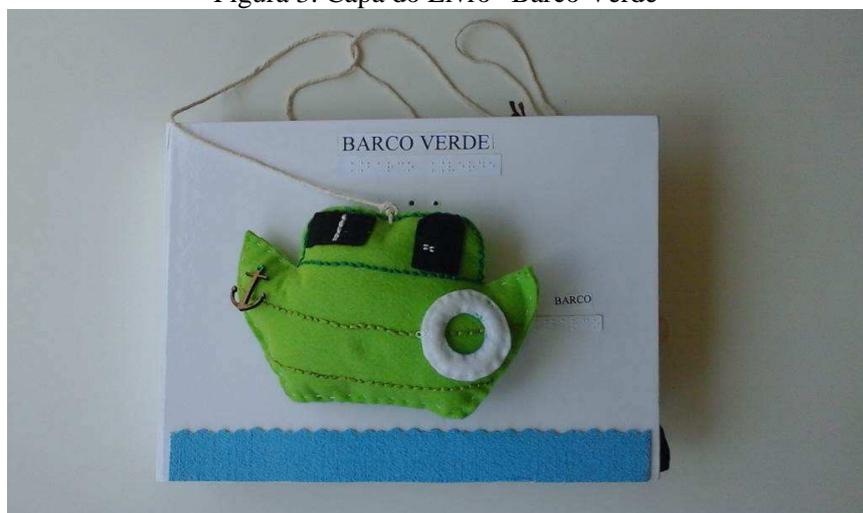
Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse livro, foram feitos três elementos que podem se movimentar enquanto a história é contada ou lida pela própria criança, sendo as personagens Pedro, Bruna e o barco verde. Esses três elementos são feitos de feltro e fibra (para dar a dimensionalidade), com

detalhes que podem ser sentidos pelo toque, são presos no livro por meio de um cordão e se fixam nas páginas com ímã.

Na primeira página aparece o barco verde preso a um cordão e fixado na página por um ímã. Quando o leitor vai para a página seguinte ele pode movimentar o barco para essa outra página fixando o barco no ímã. Para dar o indicativo do local onde os elementos podem ser fixados aparece a palavra escrita em tinta e em braille ao lado do ímã, (Figura 3).

Figura 3: Capa do Livro “Barco Verde”



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao apresentar o livro para Bruna foi interessante sua reação perante o barco: pegou nas mãos, beijou e acariciou. Estes são seus gestos quando gosta muito de algo. Bruna tocou em todos os elementos da história, sentindo a textura e formato, assim como fez o sinal correspondente de cada um, demonstrando que havia compreendido sua representação.

Enquanto sua professora contava a história por meio da língua de sinais e movimentava as personagens pelo livro, Bruna reproduzia o movimento do barco e sorria acompanhando com muita atenção a tudo. Embora alguns elementos não se desprendam do livro eles podem ser movimentados, isso deixou Bruna encantada e lhe deu autonomia para fazer a leitura sem perder os elementos da história. Quando deu por terminada a leitura da história pediu uma folha para a professora e desenhou o barco.

Para essa construção seguimos algumas das orientações apresentadas por Cardeal (2009) na intenção de facilitar a leitura tátil. São elas: a linha de contorno da ilustração sendo bem definida e completa, pois auxilia a pessoa a compreendê-la melhor com a ponta dos dedos; deve-se evitar o uso excessivo de detalhes, pois para quem tem visão eles são facilmente reconhecidos, mas para quem depende do tato é necessário muito esforço para reconhecê-los; a importância de haver repetição das imagens ao longo da história e elas serem simplificadas, limpas e sem muitos detalhes. A repetição de elementos pode contribuir com o leitor no reconhecimento das ilustrações. Por exemplo, se na história tiver uma menina e um menino, cada um tendo seu formato, o leitor, ao tocar na ilustração reconhecerá mais facilmente qual dos personagens está em evidência. Dessa forma, os elementos foram representados tendo o cuidado para que pudessem ser identificados e tocados. A forma tridimensional dos elementos principais da história propiciou a compreensão do todo cabendo por inteiro na mão de Bruna.

Segundo Nuernberg (2010) um aspecto negativo em relação à “ilustração” é quando esta é oferecida apenas em tinta. O autor problematiza a necessidade de incluir materiais propícios para os alunos com cegueira e surdocegueira, como por exemplo, materiais com textura, cheiro e dimensões aproximadas ao objeto real.

Considerações finais

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhes deres:
Trouxeste a chave?
Carlos Dummond de Andrade (1973)*

Os livros infantis possuem fundamental importância para o desenvolvimento das crianças pequenas ao inserirem esses sujeitos na linguagem e no universo do imaginário. Segundo Guimarães (2011) o livro como suporte propicia a experimentação das distintas linguagens e são essas linguagens que convocam a criança a manusear e fazer a leitura do livro.

O estudo realizado salienta a importância da produção de livros acessíveis e um necessário olhar criterioso acerca dos materiais potencializadores e facilitadores para esta elaboração. A partir da análise do processo de pesquisa e produção de livros alguns indicativos foram reconhecidos como úteis na elaboração de um livro acessível: definir a história e selecionar previamente os materiais a serem utilizados; refletir sobre a organização e distribuição das ilustrações táteis do livro; definir qual a melhor cola para o material escolhido a partir de testagens; para a escrita da história é aconselhável aparecer pelo menos em tinta e em braille; a escrita, ao ocupar sempre o mesmo espaço no livro permite a criança buscar a localização exata do texto ainda que não conte com o recurso da visão.

Outro ponto de importância na elaboração e construção dos livros acessíveis é compreender que as informações dos objetos, para a criança com cegueira ou surdocegueira, se dá por meio do toque, som e cheiro. Por exemplo, para representar a água podemos usar gel dentro de um saco plástico, ao tocar a pessoa tem a sensação gelada como se estivesse tocando na água; essências usadas em alimentos ou para artesanato, chás e perfumes, podem ser utilizados para estimular o olfato. Portanto, usar materiais capazes de estimular sensorialmente as crianças se torna um procedimento essencial, conforme as orientações de Cardeal (2009) e Nuernberg (2010).

A utilização de livros acessíveis viabiliza trocas e um maior aprendizado entre e para todos os alunos. Neste sentido, a elaboração ou adaptação/adequação da literatura infantil vai além do desenvolvimento da linguagem, pois traz à tona a possibilidade de ampliação das relações entre os sujeitos com deficiência e seus pares.

Outro ponto fundamental a ser destacado é a facilidade de criar um livro quando se tem uma criança específica como destino final. Isso se confirmou com o livro “Barco verde”, pois foi produzido pensado especialmente para uma criança. Partindo de elementos do seu cotidiano a elaboração da história e a organização das ilustrações ocorreu facilmente.

A referência de Vigostky (2007) sobre a interação e a mediação se mostra viva ao analisarmos o livro inventado para Bruna. O Livro acessível produz mediação para a leitura.

As páginas de um livro ganham vida apenas quando iluminadas pelo olhar do leitor. Este olhar pode ser sensibilizado por palavras, cores, saliências, texturas, tecidos, movimento e inúmeras ferramentas. A serviço do imaginário, este alfabeto encantado carrega o leitor até um mundo muito além das possibilidades oferecidas pela tinta e o papel... Quer aprender este jeito diferente de contar historinhas você também?

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo, Ed. Scipione, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Procura de Poesia**. In Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973.

BARROS, Manoel de. **Em carta a José Castello**. Jornal Valor Econômico, São Paulo, em 18 de março de 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.753**, de 30 de outubro de 2003.

CARDEAL, Márcia. **Ver com as mãos: a ilustração tátil em livros para crianças cegas**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.

EICHENBERG, Renata Cavalcanti. **De mãos dadas com a leitura: A literatura infantil nos anos iniciais**. Porto Alegre, Editora Mediação, 2016.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Artmed, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Ed. L&PM, 2012.

GUIMARÃES, Rosele Martins. **Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário**. UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NUERNBERG, Adriano Henrique. **Ilustrações táteis bidimensionais em livros infantis: considerações acerca de sua construção no contexto da educação de crianças com**

deficiência visual. Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 23, n. 36, p. 131-144, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 10 agos. 2015.

PASSERINO, Liliana Maria; MONTARDO, Sandra Portella. **Inclusão social via acessibilidade digital**: Proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Abril de 2007 - 2/18. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/144/145>>. Acesso em: 28 set. 2016.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 7ª edição, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo, Ed. Global, 2003.